



CONFLITOS ENTRE MIGRANTES E LOCAIS: UMA ANÁLISE ENTRE ‘A BAGACEIRA’ E ‘THE GRAPES OF WRATH’

Luccas César Bach – luccascesarbach@gmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Cascavel, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-3487-3734>

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo tecer uma análise da construção das identidades regionais dos protagonistas dos romances *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, e *The grapes of wrath* (1939), de John Steinbeck. Ambos os romances propostos têm como cenário a migração em massa em períodos de crise social ou econômica e, em decorrência desses acontecimentos notoriamente históricos, famílias foram deslocadas de suas comunidades. Essa migração é o que trataremos como um movimento de desenraizamento. Entende-se “desenraizamento” como a retirada do indivíduo de seu espaço no mundo – seja essa “retirada” voluntária, forçada, ou mesmo sazonal –, levando-o à condição de estrangeiro em um novo espaço em que as memórias e a sociedade não lhe são familiares, então necessitando reconstruir sua percepção de comunidade e identidade. O indivíduo deslocado à posição de migrante é posto em posição fragilizada contra o integrante da comunidade local por seu isolamento social. Os pré-conceitos regionais são em grande parte responsáveis pela desconfiança generalizada entre esses grupos, causando um embate entre pessoas que ocupam posições de classe semelhantes, e encerrando um ciclo de violências contra as personagens desenraizadas. Assim, faz-se necessário trabalhar com obras que dialoguem com a posição do imigrante, como Said (2003) e Sayad (1998), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Regionalismo; Migração; Literatura comparada.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise comparativa entre as obras *A bagaceira* (1928), do escritor brasileiro José Américo de Almeida, e *The grapes of wrath* (1939) – em português, *As vinhas da ira* –, do escritor norte-americano John Steinbeck, considerados cânones da Literatura Brasileira e Estado-Unidense. O cenário mundial da primeira metade do século XX pode distanciar o contexto histórico dos romances, uma vez que não foi permitido à América Latina, na política extrativista imposta pelo sistema econômico global, participar dos progressos financeiro e tecnológico liderados por camadas da população norte-americana. O que de fato aproxima os romances são elementos estruturantes da narrativa responsáveis por apresentar um cenário migratório, uma migração essencialmente compelida pelos fatores climáticos e econômicos que circulam as personagens; um movimento, portanto, desenraizador.

Em *A bagaceira*, Almeida trabalha com o contexto das secas que assolaram parte do sertão nordestino entre o fim do século XIX e o começo do século XX. A narrativa regionalista da década de

¹ Artigo desenvolvido a partir da dissertação de mestrado

1930 reforça a imagem comumente associada ao nordeste brasileiro: a população das áreas mais atingidas pela seca em situação de miséria, sem meios de tirar sustento da terra que habitam. Como consequência, famílias de sertanejos se veriam obrigados a migrar em busca de um meio para sobreviver. Fosse rumo à região borracheira da Amazônia, à costa Nordeste tomada pelos engenhos de cana-de-açúcar, ou ao sul/sudeste, milhares de retirantes teriam que partir da região semiárida em busca de um recomeço. De forma semelhante, *The grapes of wrath* tem por contexto histórico um período de seca – o *dust bowl*², que levou grande parte dos pequenos agricultores americanos a migrar para a região da Califórnia em busca de emprego. O cenário foi agravado pela Crise de 1929 que teve início nos Estados Unidos e que levou o país a altas taxas de desemprego e de recessão econômica.

Partindo de uma perspectiva histórica, teríamos um fluxo de migração ao qual determinadas regiões nordestinas eram submetidas sazonalmente, durante décadas, uma vez que as características geográficas da própria região são propícias a secas intensas, além dos fatores políticos e econômicos que levaram a constante falha em controlar os efeitos sofridos pelos retirantes; enquanto o movimento migratório norte-americano nos anos 1930, mesmo tendo sido intensificada pelo *dust bowl* e pela mecanização dos modos de produção agrícola, teve a crise econômica como seu maior propulsor e, de certa maneira, foi controlada com a estabilização desses fatores. Essa observação é necessária uma vez que, por mais distantes que sejam esses contextos em grande escala, eles se impõem sobre os protagonistas da mesma maneira: fazendo-os escolher entre a tradição e o novo, suas raízes ancestrais e os sonhos dos mais jovens, entre o ficar e o partir. E se partir, para as personagens, é um rompimento com o espaço, um desenraizar-se físico, é também uma busca por preservação identitária. Em *A bagaceira*, isso se dá na busca dos retirantes em manterem seus “valores sertanejos” enquanto se distanciam dos brejeiros. As personagens em *The grapes of wrath* não apresentam resistência contra o povo do espaço em que se inserem, mas eles sofrem uma violenta rejeição xenofóbica por parte dos californianos.

Delimitações regionais podem ser apenas linhas imaginárias, mas com os efeitos do tempo uma região também pode acumular uma série de símbolos que são marcados no imaginário coletivo. A partir da repetição desses símbolos, cria-se uma identidade regional que, por ser uma tentativa de uniformizar uma população tendo por base unicamente o espaço, leva aos estereótipos errôneos e costumeiramente preconceituosos de um povo.

Vista espacialmente, uma região possui certos elementos geográficos, naturais, sociais, históricos, que dialogam entre si e trabalham para formar uma *cultura* local.

² Efeito climático resultado de anos do mal tratamento do solo, destruído pelo desmatamento, e piorado por tempestades de areia que assolaram a região. O *dust bowl* ocorreu na década de 1930 nas Grandes Planícies americanas (região de planícies ao Leste das montanhas Rochosas) e durou aproximadamente dez anos.

Tudo isso está condensado na consciência de observadores externos e internos das paisagens, que são experienciadas em si como espaço relativamente uniforme, fato que não raramente conduz a que uma aglomeração humana que o habita e sua forma de viver sejam amalgamadas em uma “cultura” e, ao mesmo tempo, equiparadas com o *seu* espaço geográfico, de modo que nomes de regiões possam ser, simultaneamente, geográficos, étnicos e culturais (bem como políticos, em que uma cultura se dá em forma de Estado ou assim se deixa cunhar). (JOACHIMSTHALER, 2013, p. 76)

No Brasil, atualmente, fala-se do “Sul”, do “Nordeste”, ou mesmo dos grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro, como espaços distintos culturalmente, de maneirismos e crenças particulares, disseminados pelo “sulista” e pelo “nordestino”, pelo “paulista” e pelo “carioca”. Pode-se até esclarecer, de forma jocosa, que é claro que estereótipos nem sempre são verdade; afinal, nem todo brasileiro gosta de futebol e carnaval, não é mesmo? Fosse tão simples livrar-se de anos da propagação de estereótipos, não seria usada a palavra “nordestino” de forma pejorativa.³

Os perigos dos estereótipos vão além dos gostos e desgostos de algumas comunidades. O que se percebe é que, *a partir* de determinadas noções regionais, são criados preconceitos que servem para isolar ou marginalizar pequenos grupos culturais. E desse poder de modificar opiniões públicas, criando caricaturas dignas de riso, até mesmo de pena, para ilustrar um regionalismo típico, nascem relações de controle e poder. Para Albuquerque Júnior (2011):

A região não é uma unidade que contém uma diversidade, mas é produto de uma operação de homogeneização, que se dá na luta com as forças que dominam outros espaços regionais, por isso ela é aberta, móvel e atravessada por diferentes relações de poder. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 37)

Com isso em mente, pode-se dizer que uma região é formada de forma quase aleatória, sujeita ao trabalho do tempo, às fronteiras estipuladas por um Estado, e especialmente à mídia responsável por disseminar esses símbolos associados a uma caricatura regional. Quando um indivíduo migra, entretanto, ele carregaria essa região com ele, não por ser ele mesmo portador desses traços marcados como sendo de seu povo, mas pelas expectativas daqueles que o recebem. Para o espaço que o imigrante vai, haverá uma imagem contra a qual ele será comparado, da mesma maneira que esse indivíduo também terá sua própria concepção dos locais que encontrará nesse novo espaço. O contraste entre o que é e o que se espera de um cenário, entretanto, não é suficiente para dissipar o que se cria na mente: “Concepções de cenário estão, muitas vezes, tão carregadas de significados, que censuram de maneira forçosa essa exiguidade insatisfatória de qualquer cenário real.” (JOACHIMSTHALER, 2013, p. 80).

³ Um interessante trabalho sobre o assunto, escrito pela pesquisadora Valéria B. Magalhães, foi publicado em 2020 pelo Jornal da USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/preconceito-interfere-na-percepcao-sobre-a-identidade-do-migrante-nordestino/>

Se podemos compreender que regionalismos são forjados e ilusórios, qual o motivo de eles serem usados de argumentos nos conflitos entre locais e migrantes nas obras aqui propostas? Qual motivo existe para *brejeiro*, na obra de Almeida, e *okie*⁴, na obra de Steinbeck, serem usados pejorativamente? Interessantemente, há uma inversão de papéis, sendo o brejeiro o sujeito local, o que “recebe” os retirantes, e *okie* o migrante. Entre ambos os polos, entretanto, encontra o interesse da classe dos trabalhadores. Estando no mesmo patamar, tendo que trabalhar lado a lado, é no conflito que esses polos se concretizam, se alimentando das diferenças entre eles *para reforçar suas próprias identidades*. Pode-se ir mais adiante e perceber que a construção histórica desses regionalismos serviu aos donos do poder para manter o migrante: (a) isolado socialmente; e (b) fora do aspecto político da região.

Primeiramente, sob uma perspectiva de imigrantes entre nações, Edward Said, em *Reflexões sobre o exílio* (2003), diz:

E logo adiante da fronteira entre “nós” e os “outros” está o perigoso território do não-pertencer, para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e onde, na era moderna, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados e pessoas deslocadas. (p. 50)

Mantendo o status de refugiado – de retirante, de migrante, ou seja, *temporário* –, o indivíduo é impossibilitado de se inserir na bolha que é a comunidade local. Portanto ele carrega consigo o rótulo do “outro”, do “estranho”, do “migrante”. O que ele carrega de diferente é visto como símbolo de corrupção. Suas raízes são rejeitadas e o seu *viver* é praticamente criminalizado.

Em sua obra *A Imigração*, Abdelmalek Sayad (1998, p. 46-47) analisa a posição social do imigrante. De acordo com o autor, quando o imigrante é visto socialmente como uma *necessidade* para o bom funcionamento de uma comunidade, todos compartilham a ilusão da migração definitiva. Contudo, uma vez que as dificuldades, as inconveniências, da existência dos migrantes são mais evidentes do que seu trabalho, tal ilusão se desfaz. Ela é substituída, então, pelo sentimento de migração *provisória*; eis o tratamento rude e ignorante contra migrantes, que cresce junto à pressão popular para que eles retornem as suas terras – ou, de forma mais cruamente explícita, que se retirem daquela região.

Como o trabalho (definido para imigrantes) é a própria justificativa do imigrante, essa justificativa, ou seja, em última instância, o próprio imigrante, desaparece no momento em que desaparece o trabalho que os cria a ambos. (SAYAD, 1998, p. 55)

⁴ Em *The grapes of wrath*, *okie* seria inicialmente usado para os migrantes que teriam saído do estado de Oklahoma, mas aos poucos passou a ser usado como termo pejorativo para todo imigrante americano na região da Califórnia.

Isso é essencial no entendimento de *The grapes of wrath*, tendo em vista a precariedade em que os Joads precisam viver, e a própria instabilidade regional. Perseguidos pelos oficiais de polícia, os acampamentos de migrantes não oferecem segurança alguma. E qualquer sinal de resistência ou de protesto por parte dos *okies* engatilha a ação bruta dos xerifes, que aprisionam e lidam com os “vermelhos” – fazendo referência ao medo impulsionado na América contra a “ameaça comunista” – com o tipo de violência que pretende desencorajar outros de fazerem o mesmo. Em *A bagaceira*, tendo em vista que o dono do poder é Dagoberto, podemos perceber algo sutilmente semelhante, uma vez que ele permite a permanência dos retirantes em seu engenho enquanto ele pode usufruir de Soledade.

Partimos, então, para a análise dos conflitos entre trabalhadores locais e migrantes nas obras. Em *As vinhas da ira*, isso se dá entre os *okies* e os californianos, que bestializam os recém-chegados de forma a desumanizá-los, negando-os a empatia e o tratamento humano que deveria ser estendido, ao menos, aos seus compatriotas. O mesmo ocorre em *A bagaceira*, uma vez que os sertanejos e os brejeiros, mesmo dividindo a mesma posição social e atividades de trabalho, se veem separados por aspectos culturais e, de certo modo, morais.

2 ENTRE OS VAZIOS E AS MARGINALIZAÇÕES MIGRATÓRIAS

Aspectos regionais da região do sertão e do litoral nordestino polarizaram a caracterização dos estereótipos em *A bagaceira*, formando uma dicotomia entre sertão e brejo. O retirante sertanejo é introduzido de maneira deplorável, em condição de subnutrição e desprovido de dignidade humana. Personificados por Valentim, Pirunga e Soledade, os sertanejos buscam reforçar um ideal de força moral e física que carregam do sertão que carregam em seu imaginário. O brejeiro é estigmatizado como pária local, que vive em situações sub-humanas e desprovido de motivação – situações provocadas pela pobreza da região que habitam e a exploração dos senhores de engenho. O retirante, afinal, ainda que se coloque em uma posição superior ao brejeiro, termina preso, abandonado, e permanece empregado, subserviente ao senhor de engenho.

Do sertão, prevalece a imagem da terra querida e ingrata, dura com o sertanejo, que sobrevive a partir do fortalecimento do seu caráter, de sua personalidade. Do espaço, cria-se um molde de um povo. Valentim é sertanejo, essa é sua identidade e ele a trata como tal, como justificativa de seus atos e de sua moralidade. Em uma conversa com Lúcio, que indaga o motivo pelo qual Valentim sente saudade de uma terra aparentemente tão inóspita, o retirante retruca:

— Moço, sertanejo não se adorna no brejo. O sertão é pra nós como homem malvado pra mulher: quanto mais maltrata, mais se quer bem. Aperreia, bota pra fora e, na primeira fuga, se volta em cima dos pés.

E, levantando-se para fechar a porta:

— *E foi a seca que me deu coragem. Porque saber sofrer, moço, isso é que ter coragem.* (ALMEIDA, 1981, p. 22, grifo meu)

Perceba que é usado o simbolismo tradicional de um relacionamento abusivo, tal que se busca largar, mas o sentimento não deixa, um relacionamento que foi romantizado a ponto de justificar algo que, pela fala da personagem, não é exatamente benéfica para ele. E se referindo às “fugas” do sertão, Valentim fala de um retorno que, em realidade, desconhece: seus filhos não lhe mandaram notícia depois de deixarem a casa de Valentim; a família de Pirunga não voltou para buscar o rapaz; sua sobrinha permaneceu no engenho e se casou com Dagoberto; o próprio Valentim permanecerá no Marzagão – o que seria esse retorno, além do imaginário de Valentim exprimindo um desejo íntimo?

E dessas imagens sociais que carrega consigo, ele já se coloca como deslocado no brejo, pois não “adorna” nesse novo espaço. As qualidades que Valentim afirma ter são para o sertão. A bravura e coragem que ele enaltece do sertanejo não se “encaixam” no brejo, uma vez que, para Valentim, este é o oposto daquele. Ainda assim, Valentim não nega que a desolação provocada pela seca afeta mesmo tais qualidades heroicas do sertanejo: “Porque a gente também seca por dentro. Seca, fica tudo mirrado — o espírito, a coragem...” (ALMEIDA, 1981, p. 18). Esse efeito desmoralizante do clima semiárido é inferido, omitido toda sua carga nos três pontinhos que seguem, pois – novamente trabalhando com a dicotomia criada no imaginário das personagens – sem essas virtudes ele se encontraria na mesma posição dos brejeiros. Os três pontinhos, afinal, são a hesitação em enfrentar o fato de que os ideais nele enraizados não são inabaláveis.

É o feitor, Manuel Broca, que zomba dos protestos de Valentim de que não se pode corromper moça “donzela” – a virgindade feminina integra os valores conservadores anunciados pelas personagens: “Com essa lei aqui você se estrepa. Está mal pra passar...” (ALMEIDA, 1981, p. 28). Pirunga o fuzila com o olhar, mas nada diz, enquanto Lúcio lembra conhecer a “história da libertinagem das secas” (ALMEIDA, 1981, p. 28), quando a fome corrompia os corpos, o

[...] estômago exigia o sacrifício de todo o organismo, até nas suas partes mais melindrosas. Tudo era vendido pela hora da morte; só a virgindade se mercadejava a baixo preço. Meninas impúberes com os corpinhos conspurcados. Deitavam-se a elas nos fundos das bodegas por um rabo de bacalhau ou um brote duro. E a desonra ocasional consumia o último tesouro de um patrimônio soçobrado. A dignidade sertaneja andava entorpecida nesses corpos misérrimos. (ALMEIDA, 1981, p. 28)

Percebe-se que os retirantes defendem a honra sertaneja, mas o que os cerca são sinais da decadência, da “desonra”, dos fins de um patrimônio arruinado. Na memória, Valentim tem seu orgulho intacto; mas a história do que a fome fez com seu povo não pode ser alterada. Entre o sol escaldante e a

fome, é o sofrimento que endurece o sertanejo, que o faz aceitar a dureza da sua condição como algo natural. Nas palavras de Valentim, “Sertanejo não sabe chorar. É o que tocar à sorte” (ALMEIDA, 1981, p. 18). Mesmo nessa decadência sazonal em que o povo do sertão desola-se em cair, preserva-se um orgulho saudosista de um patrimônio, um tesouro, de dignidade que, ainda que entorpecida, permanecia no corpo faminto.

E se a seca os constrói, é o êxodo responsável por subjugar-los. Os orgulhosos sertanejos entram para a massa amorfa de retirantes, eles que não “[...] tinham sexo, nem idade, nem condição nenhuma. Eram os retirantes. Nada mais.” (ALMEIDA, 1981, p. 4). No sertão, enfrentando a seca, mantinham resquícios da honra sertaneja; chegando ao engenho, nada mais são do que retirantes, menos que humanos, sem poder cumprir seu papel social uma vez que a pureza da donzela e a força de trabalho do homem parecem perdidas nos corpos magros.

Meninotas, com as pregas da súbita velhice, careteavam, torcendo as carinhas decrépitadas de ex-voto. Os vaqueiros másculos, como titãs alquebrados, em petição de miséria. Pequenos fazendeiros, no arremesso igualitário, baralhavam-se nesse anônimo aniquilamento. (ALMEIDA, 1981, p. 4)

Como se na passagem do sofrimento do sertão para a condição de retirante, se perdesse a vitalidade. O que nos leva para o outro grupo, o dos brejeiros, acometido pelo mal do trabalho de resquícios escravagistas que também os desumaniza. O trabalho árduo, o tratamento duro de Dagoberto e as más condições de vida deixam o brejeiro apático.

Párias da bagaceira, vítimas de uma emperrada organização do trabalho e de uma dependência que os desumanizava, eram os mais insensíveis ao martírio das retiradas. A colisão dos meios pronunciava-se no contato das migrações periódicas. Os sertanejos eram malvistas nos brejos. E o nome de brejeiro cruelmente pejorativo. (ALMEIDA, 1981, p. 4)

Assim como a seca retira do corpo do retirante sua identidade, o brejo faz do brejeiro um dependente, um “parasita” do engenho que, por mais que entregue o que pode da sua força de trabalho, apenas mantém sua posição social marginalizada e miserável: “Os trabalhadores curvados sobre as enxadas formavam um magote de corcundas infatigáveis. Mantinham, assim, a atitude natural do *servilismo hereditário*.” (ALMEIDA, 1981, p. 13, grifo meu). Nota-se que o sertanejo tem um patrimônio ao qual se apegar, enquanto o brejeiro parece não ter um passado ilustre, apenas uma tradição de servilismo, de curvar-se perante um senhor.

Enquanto o sol era um símbolo de destruição para os retirantes, que foram expulsos “[...] do seu paraíso por espadas de fogo, [...]” (ALMEIDA, 1981, p. 4), ele é almejado pelos brejeiros.

Veza por outra, levantavam os olhos ao céu, não pedindo misericórdia, mas reparando no sol — a hora do descanso. Mourejavam com essa única esperança: o toque do búzio: tum, tum. Era uma toada mais grata que todas as músicas da natureza. *Essa resignada submissão às necessidades de cada dia não era para ganhar a vida: era, apenas, para não perdê-la.* Um desperdício de energia. Um esforço despremiado. Mas nenhum se deixaria ficar em casa; tinham o tédio da inação. (ALMEIDA, 1981, p. 15, grifo meu)

Os brejeiros trabalhavam para sobreviver, nada mais. Não apresentam o orgulho do próprio suor como os retirantes, nem o amor pela terra – o que eles têm é uma dependência passiva, quase desinteressada. Especialmente sob o domínio de Dagoberto, não havia como ser diferente; mas é em Xinane que se percebe que o problema é com toda a estrutura de poder. Tendo decidido acolher a família de Valentim, Dagoberto manda o feitor abrigá-los. Não tendo outro espaço livre, este leva os três retirantes ao estábulo, e é Lúcio que, se comovendo com a situação, que leva o feitor a decidir colocar os recém-chegados no barraco de Xinane. Lúcio pode sentir-se culpado “[...] desse desfecho de sua sentimentalidade incoerente” (ALMEIDA, 1981, p. 8), mas nada faz.

Xinane, subitamente expulso da casa em que tinha uma pequena lavoura e “[...] 400 anos de servilismo na massa do sangue” (ALMEIDA, 1981, p. 8), vai conversar com Dagoberto: “O patrão sabe que eu não enjeito parada: *sou um burro de carga.* Mas porém, nascer pra estrebaria não nasci.” (ALMEIDA, 1981, p. 8, grifo meu). Dagoberto o xinga, e Xinane pega suas coisas e vai para a estrebaria. “Era essa a forma de espoliação sumariíssima.” (ALMEIDA, 1981, p. 8). A isso junta-se a bestialização dos brejeiros, dessa força de trabalho essencial ao engenho, mas tratada como algo menos que humano – “Valentim notou, então, que todos trabalhavam descalços. Já não tinham plantas de pés, porém, *cascos endurecidos.*” (ALMEIDA, 1981, p. 16, grifo meu).

O sertanejo, podendo ser pequeno proprietário, tem uma liberdade desconhecida ao brejeiro. Este tem a vida nas mãos do patrão. Vontade de trabalhar, de melhorar a terra, ou mesmo de pensar no futuro; esses desejos não fazem sentido no que toca os brejeiros. Lúcio, no seu espírito empreendedor e no seu complexo de divindade, perturba João Troçulho no seu descanso para motivá-lo: por que não vai ajeitar o cavalo que se enforca? “Eu não tenho conta com cavalo, patrãozinho.”; por que come a feira da semana de uma vez, sem pensar no resto da semana? “Quem guarda comer guarda barulho”; por que não planta alguma coisa? “[...] a gente não tem ganância. O que adianta a gente se matar?”; por que não ajeita a casa e as goteiras? “Pro homem queimar?”; por que não cria galinha? “Pra raposa passar no papo?” (ALMEIDA, 1981, p. 64-65).

Soledade lamenta a atitude – “a preguiça” – de João: “Esse infeliz...” (ALMEIDA, 1981, p. 64). Para Lúcio, de sangue sertanejo, filho de senhor de engenho, o mundo parece simplesmente uma questão

de trabalhar para conquistar. Para o brejeiro, trabalhar é ordem do patrão, e quem faz mais do que o mínimo necessário não recebe nada em troca. João usa o exemplo de Xinane:

Xinane não era viverdor? – mas – cadê? – no fim de conta, coisíssima nenhuma. O patrão toca da terra, sem se fazer por onde... De uma hora pra outra, se está no oco do mundo. Amanhece aqui, anoitece acolá. (ALMEIDA, 1981, p. 65)

A isso se resume a vivência de João: para quê fazer algo que alguém me vai tomar? Ele era “[...] o homem que não sabia nada – o instrumento inconsciente que tinha a enxada como o membro principal.” (ALMEIDA, 1981, p. 65), como se sua existência se resumisse à sua força de trabalho, não aos frutos do que colheria dos seus esforços. Como outros contrastes em *A bagaceira* – como entre Lúcio e Dagoberto, entre sertão e brejo, entre tradição e modernismo –, a natureza farta do brejo e o desânimo dos brejeiros em relação à terra é mais um elemento de desestruturação e de como todas as personagens acabam invariavelmente na tragicidade. Afinal, na terra fértil, “[...] na gleba munificente, propícia a todas as culturas, essa gente vegetativa, de uma passividade fatalista, afeita à lida de sol a sol, não plantava uma rama de batata à beira do rancho.” (ALMEIDA, 1981, p. 65)

O fatalismo dos brejeiros é angustiante, e pode-se fazer como Lúcio e tomar o brejeiro por um indivíduo que não gosta de trabalhar, que prefere curtir o agora ao invés de se planejar para o futuro; ou pode-se entender a figura representada por João como sujeito acostumado a anos de trabalho escravo, ou análogo ao de escravo, e para quem nada lhe pertence. O próprio direito à vida está condicionado às ordens de Dagoberto.

Certa noite, vibrava um trovão nervoso, qual o clamor das trevas friorentas. Acudiu toda a população rural ao pátio da casa-grande, debaixo do aguaceiro, convocada pelo búzio imperativo. O açude estava a pique de arrombar. A água prisioneira saltava pela barragem e batia nas pedras com um berro doloroso. Pirunga, descrente da coragem dos brejeiros, viu, estupefato, de repente, homens e mulheres, às ordens do senhor de engenho, como que formando com os próprios corpos uma barragem nova, atalhando o perigo. (ALMEIDA, 1981, p. 71-72)

O comando “imperativo” move a população, como um braço acionando uma ferramenta. A coragem percebida por Pirunga é o servilismo extremo, de um sistema altamente exploratório, em que os corpos dos brejeiros se moldam de acordo com a necessidade do senhor de engenho. Eles são coisificados pelas forças externas a que foram condicionados a obedecer, assim eles não estão em perigo, eles “desviam o perigo”; além disso, eles aprisionam a água “prisioneira” – assim como, novamente sob o comando de Dagoberto, irão perseguir e prender Valentim após este ter assassinado o feitor. Não há perspectiva por parte dos brejeiros. Eles apenas agem, como se entendessem que o senhor de engenho é o comando central, e o povo, as células que fazem seus comandos se tornarem realidade. Portanto, como

explorado no capítulo anterior, quando Lúcio os devolve o direito de uma vida digna, eles temem se colocar em risco: “[...] todos tinham a impressão do perigo; ninguém queria expor-se.” (ALMEIDA, 1981, p. 112).

O outro instinto que move os brejeiros é a fome. Vendo o cachorro de Valentim com o que parecia ser um preá na boca, os trabalhadores parecem ganhar vida: “Toda a jolda extenuada que parecia incapaz do mais leve movimento disparou desabaladamente.” (ALMEIDA, 1981, p. 46). O brejeiro vive, portanto, entre o descanso, a fome e o servilismo.

Assim, pode-se olhar para os polos dos sertanejos e dos brejeiros pelo que são: os primeiros, mesmo tendo sofrido com a seca, ainda se sentem donos de si, enquanto os segundos pensam na base da sobrevivência diária, pois não têm estabilidade de um futuro que eles possam controlar. E durante o reinado de Dagoberto, enquanto a família de Valentim habita o engenho, o que se percebe é que os de fora acabam se ajustando ao seu entorno; como o próprio Valentim coloca: “O que a seca não levou se perdeu na bagaceira!” (ALMEIDA, 1981, p. 108)

Lúcio é o propagador das diferenças entre brejeiros e sertanejos a partir de uma perspectiva elitista – além de saudosista de um sertão idealizado, de um heroísmo romântico sertanejo, enquanto redutivo do trabalhador local. Valentim, retornando de resgatar a filha “[...] da bagaceira corrutora que lhe derrancava a inocência”, fala ao rapaz: “O senhor, moço, não parece daqui...” (ALMEIDA, 1981, p. 45). Como o “daqui” está associado com a ideia de corrupção e perversidade, oposto à presença da inocência do “de lá”, Lúcio é o que há de bom no brejo para o sertanejo. Lembrando que Lúcio é filho da sobrinha de Valentim, portanto ele teria traços das qualidades que tanto admira no próprio sangue – mesmo nesse ponto do enredo não estando ciente desse fato.

O estudante comparou a mentalidade do engenho, resíduos da escravaria, os estigmas da senzala, esses costumes estragados com a pureza do sertão. E sentia que, com o andar do tempo, se estupidificava nesse meio execrável. (ALMEIDA, 1981, p. 45)

Enquanto o sertão constrói, o brejo corrompe. A dureza da vida sertaneja o edifica, a do brejeiro o subjuga. O próprio espaço do sertão explorado pelo romance é o do deserto, uma vastidão dizimada pelo sol e controlada pela fome. Já o espaço do brejo é da natureza fértil, de uma mata que “[...] resplandecia com uma orgia de desabrocho em sua pompa auriverde.” (ALMEIDA, 1981, p. 6), e que abriga amantes “[...] na intimidade desta natureza alcoviteira que era toda uma exaltação comunicativa nos seus solertes amavios e nos seus frêmitos de vitalidade” (ALMEIDA, 1981, p. 51). Mas, nesses excessos naturais, é iminente o estado podre que vem após a maturação, como nas chuvas torrenciais que, não tendo fim, deixa de ser um bom sinal mesmo para os retirantes: “A água, tão boa para purificar, lameirava o sítio. Tudo se fundia em lama.” (ALMEIDA, 1981, p. 70).

De acordo com Ângela da Castro (2010), o “[...] contraste violento BREJEIROS X SERTANEJOS é um recurso da narrativa que não pode ser ignorado, porque é estrutural, organizador e gerador de sentidos.” (p. 132). São tantos os elementos que suportam essa teoria, seria injusto e conservador afirmar que o assunto poderia ser esgotado no presente trabalho. A intenção aqui é apontar como os espaços promoveram um conflito entre culturas que, ainda que diferentes, quando inseridas no mesmo ambiente acabam mostrando os mesmos sinais de degradação. Castro ainda afirma que:

Os sertanejos de José Américo de Almeida têm os brejeiros como parâmetro. Esmagados pelo feudalismo anacrônico da estrutura social, descem à condição destes, passivamente, na estranha terra de Canaã onde as *leis* são incompatíveis com os sentimentos de *honra e liberdade*. (2010, p. 62)

Assim, Soledade é no brejo exatamente o que Valentim tenta evitar no sertão: a donzela “caída”, amante e mãe de um bastardo. Enquanto Pirunga, que em uma cena impede Valentim de bater na menina, pois “[...] vossemecê não é brejeiro! Sertanejo não levanta a mão contra mulher! (ALMEIDA, 1981, p. 75), logo após ataca Soledade no ímpeto do ciúme. Vendo o corpo nu da moça que amara, que escolhera outro, Pirunga fica entre o desejo e o medo de tê-la sufocado: “Aferrou-a, de novo, aí com um furor de morte; voltou a esganá-la, enterrando-lhe os dedos possantes na garganta magnífica.” (ALMEIDA, 1981, p. 105). E Valentim, tendo a filha desonrada, não podendo vingar-se de Dagoberto, perde mesmo a esperança que tinha quando falavam de sua fazenda no sertão.

Em *As vinhas da ira* o conflito entre os polos de trabalhadores locais e migrantes é menos explícito, uma vez que envolve a força policial. Há também os ideais regionais, um código moral carregado por todo estado que reforça uma identidade fictícia de superioridade. Mas percebemos que o maior motivo por trás da hostilização contra os migrantes é a instabilidade econômica regional, exteriorizada na ansiedade em relação ao trabalho assumido pelos recém-chegados. Além disso, do ponto de vista local, os *okies* são “mantidos” com o dinheiro público, enquanto “criam problemas” com suas demandas trabalhistas. E os proprietários de terra que forçam essa situação sobre o estado, tendo feito propaganda extensiva e enganosa para atrair mão de obra barata para a Califórnia, lucram sobre o trabalho barateado e a recusa dos locais em deixarem os migrantes se enraizarem: “É por isso que aqueles panfletos foram circulados. Dá pra imprimir um monte de panfletos com o que você economiza pagando quinze centavos por uma hora de trabalho no campo.”⁵ (STEINBECK, 2011, p. 287-288)

O resultado é o medo generalizado da população californiana, que busca no uso da violência e da rejeição uma maneira de se preservar contra a ameaça percebida.

⁵ “That’s why them han’bills was out. You can print a hell of a lot of han’bills with what ya save payin’ fifteen cents an hour for fiel’ work.” (T.L.)

As pessoas vão ter um jeito de te olhar. Eles vão olhar para você e seus rostos dizem: ‘Eu não gosto de você, seu filho da puta.’ Vai haver xerifes, e eles vão te perseguir. Você acampa na beira da estrada, e eles vão te expulsar. Você vai ver no rosto das pessoas como elas te odeiam. E – vou te contar uma coisa. Eles te odeiam porque eles têm medo. Eles sabem que um cara com fome vai arranjar comida mesmo que tenha que tomá-la. Eles sabem que a terra sem cultivo é um pecado e alguém vai tomá-la.⁶ (STEINBECK, 2011, p. 241)

Do medo à ignorância, a população local brutaliza os *okies* que chegam na Califórnia a ponto de forçá-los a um sentimento de rebelião que possivelmente não existiria, não fossem as condições sub-humanas a que são subjugados. Como podemos perceber através da família de Tom Joad, os *okies* encontram no sistema patriarcal e no sentimento de coletividade uma maneira para sobreviver, assim como a hostilidade dos californianos é o modo que encontraram para manter sua propriedade.

A definição da palavra *okie* não é exatamente uma questão da origem do indivíduo, mas da maneira que soa na boca do povo que a usa para rotular, pejorativamente, as famílias que infestam o oeste estadunidense: “Okie significa que você é escória. Não significa nada em si mesmo, é o jeito que eles falam.”⁷ (STEINBECK, 2011, p. 241). Criou-se esse significado a partir do rancor popular, da situação decadente em que os *okies* se submetiam; agora os Joads precisam lidar com essa realidade.

Em seu contato com esse sentimento antagonista, a mãe Joad responde no mesmo tom:

O rosto da mãe escureceu de raiva. Ela se levantou lentamente. Ela se abaixou e pegou a frigideira de ferro da caixa de utensílios. “Moço”, disse ela, “o senhor tem um botão de lata e uma arma. De onde eu venho, você mantém a voz baixa.” Ela andou com a frigideira. Ele afrouxou a arma do coldre. “Vá em frente”, disse a mãe. “Assustando mulheres. Ainda bem que os homens não estão aqui. Eles cortariam você em pedaços. Na minha terra, você segura a língua.”
O homem deu dois passos para trás. “Bem, você não está na sua terra agora. Você está na Califórnia e não queremos vocês, malditos Okies, se acomodando.”
A mãe parou de avançar. Ela parecia confusa. “Okies?” ela disse suavemente. “Okies.”⁸ (STEINBECK, 2011, p. 251)

Em *A bagaceira* também há violência entre os dois polos: na brutalidade com que Dagoberto toma Soledade, na morte do feitor, no aprisionamento de Valentim. Em *The grapes of wrath* o conflito é mais

⁶ “People gonna have a look in their eye. They gonna look at you an’ their face says, ‘I don’t like you, you son-of-a-bitch.’ Gonna be deputy sheriffs, an’ they’ll push you aroun’. You camp on the roadside, an’ they’ll move you on. You gonna see in people’s face how they hate you. An’—I’ll tell you somepin. They hate you ‘cause they’re scairt. They know a hungry fella gonna get food even if he got to take it. They know that fallow lan’s a sin an’ somebody’ gonna take it.” (T.L.)

⁷ “Okie means you’re scum. Don’t mean nothing itself, it’s the way they say it.” (T.L.)

⁸ Ma’s face blackened with anger. She got slowly to her feet. She stooped to the utensil box and picked out the iron skillet. “Mister,” she said, “you got a tin button an’ a gun. Where I come from, you keep your voice down.” She advanced on him with the skillet. He loosened the gun in the holster. “Go ahead,” said Ma. “Scarin’ women. I’m thankful the men folks ain’t here. They’d tear ya to pieces. In my country you watch your tongue.” / The man took two steps backward. “Well, you ain’t in your country now. You’re in California, an’ we don’t want you goddamn Okies settlin’ down.” / Ma’s advance stopped. She looked puzzled. “Okies?” she said softly. “Okies.” (T.L.)

evidente pois o cenário em que ele ocorre não está sob o controle de um único indivíduo (o senhor de engenho), mas sob o poder oficial do Estado. O poder despersonalizado sobre o migrante no romance de Steinbeck é, então, exercido a partir de uma multiplicidade de opressores, o que cria uma camada de imprevisibilidade. Cada californiano assumirá o papel de vigilante estatal da maneira que melhor lhe cabe, com a força e coerção que ele julgar necessária. E, como o sentimento coletivo contra os migrantes é a de medo e ódio, os encontros dos Joads com figuras de autoridade escalam em agressividade.

Após o encontro com o policial, a mãe conversa com Tom, que se sente indignado com a perseguição sofrida “Mas nós não estamos acostumados a sermos perseguidos por nenhum policial.”⁹ (STEINBECK, 2011, p. 253). A criminalização do *okie* lhe deixa em estado de alerta contra todo e qualquer morador local, pois sua própria existência passa a ser uma afronta. Esses locais, muitas vezes trabalhadores, sem serem oficiais de polícia, percebem os *okies* como indivíduos corrompidos, como no curto diálogo entre frentistas que atendem os Joads:

Bem, você e eu temos bom senso. Aqueles malditos Okies não têm noção e nem sentimento. Eles não são humanos. Um ser humano não viveria como eles vivem. Um ser humano não suportaria ser tão sujo e miserável. Eles não são muito melhores do que gorilas. [...] Sabe, eles não têm muito incômodo. Eles são tão estúpidos que não veem que é perigoso. E, Cristo Todo-Poderoso, eles não conhecem nada além do que eles têm. Por que se preocupar?¹⁰ (STEINBECK, 2011, p. 260)

Vendo a condição em que grande parte dessas famílias vivem, ao frentista resta concluir que não haveria outra razão para seguirem daquela maneira não fosse a falta de juízo. Tão estupidamente absurda lhe parece a escolha de migrar. Não se pode dizer, portanto, que os locais não estão cientes das condições em que os migrantes se encontram. O que ocorre é a animalização do marginalizado, pois vendo-o como algo *não humano*, é mais fácil ignorar sua situação; afinal, se é um selvagem, para que perder tempo se preocupando com ele?

Chegando a Califórnia, uma das primeiras pessoas que os Joads encontram é Floyd. Tendo passado seis meses viajando pela terra prometida em busca de emprego, Floyd tem pouca paciência para a inocência cega de Tom. Ele é a voz da experiência, assim como do trabalhador exausto, desprovido de qualquer esperança.

Quando Tom pergunta o porquê de os oficiais rotineiramente dispersarem os acampamentos de migrantes, Floyd responde: “Alguns dizem que não querem que a gente vote; [...]. Outros dizem que é

⁹ “But we ain’t use’ ta gettin’ shoved aroun’ by no cops.” (T.L.)

¹⁰ “Well, you and me got sense. Them goddamn Okies got no sense and no feeling. They ain’t human. A human being wouldn’t live like they do. A human being couldn’t stand it to be so dirty and miserable. They ain’t a hell of a lot better than gorillas.” [...] “You know, they don’t have much trouble. They’re so goddamn dumb they don’t know it’s dangerous. And, Christ Almighty, they don’t know any better than what they got. Why worry?” (T.L.)

para a gente não conseguir auxílio. E alguns dizem que se a gente se estabelecer em um lugar, a gente se organizaria.”¹¹ (STEINBECK, 2011, p. 286-287). Os donos do poder não querem, portanto, que os *okies* se enraízem, que encontrem estabilidade na região, pois isso seria o começo para eles se tornarem cidadãos de direito. Reivindicariam a assistência do governo, participariam da política local, exigiriam direitos trabalhistas. Aqui pode-se citar o trabalho da filósofa francesa Simone Weil sobre o enraizamento:

Um ser humano tem raiz por sua *participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade* que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos de futuro. Participação natural, ou seja, ocasionada *automaticamente* pelo lugar, nascimento, profissão, meio. (p. 43, grifo meu)

Enraiza-se – isto é, passa a integrar uma comunidade – ao participar ativamente de uma comunidade. Mas a eles não é permitido encontrar um ponto fixo em que se escorar, e a constante mudança, a constante instabilidade, os enfraquece.

Estando suspensos, tendo entregado sua mão-de-obra por um valor que faz pouco mais do que deixá-los sobreviver, os *okies* são perseguidos novamente, dessa vez por não haver mais trabalho a ser feito.

Não há outra maldita coisa naquelas bandas para fazer. Daí os proprietários não querem mais você lá. Três mil de vocês. O trabalho está feito. Vai que vocês roubam, vai que vocês fiquem bêbado, vai que apenas deem problema. Além disso, vocês não têm boa pinta, morando em velhas tendas; e é um país bonito, mas vocês o estragam. Eles não querem vocês por perto. Então, eles os expulsam e o fazem se seguir viagem. É assim que é.¹² (STEINBECK, 2011, p. 288-289)

Esse é o papel do isolamento no esquema dos donos do poder. Em *The grapes of wrath*, percebe-se que o migrante não é ninguém quando não está enraizado, ele é uma unidade de trabalho e, quando não tem uso imediato, é tratado como o animal sujo e estúpido que o frentista descreve.

Tom questiona Floyd o porquê de não se rebelarem. Se todos decidissem não fazer a colheita, os proprietários teriam que aquiescer e aumentar os salários.

Você não tem nome, não tem propriedade. Vão te encontrar em uma vala, com o sangue seco na boca e no nariz. Vai dar uma pequena linha no jornal – sabe o que vai dizer?

¹¹ “Some says they don’t want us to vote; [...]. An’ some says so we can’t get on relief. An’ some says if we set in one place we’d get organized.” (T.L.)

¹² “There ain’t another damn thing in that part a the country to do. An’ then them owners don’ want you there no more. Three thousan’ of you. The work’s done. You might steal, you might get drunk, you might jus’ raise hell. An’ besides, you don’ look nice, livin’ in ol’ tents; an’ it’s a pretty country, but you stink it up. They don’ want you aroun’. So they kick you out, they move you along. That’s how it is.” (T.L.)

“Vagabundo encontrado morto”. E só isso. Você verá um monte dessas pequenas linhas, “Vagabundo encontrado morto.”¹³ (STEINBECK, 2011, p. 290)

Se é assim que eles são vistos, desumanizados por todos os locais, não há esperança de buscar auxílio externo; eles precisam se organizar internamente. Mas como fazer isso quando a polícia está acima de você? No mesmo dia, quando Floyd grita com um empreiteiro que passava pelo acampamento chamando trabalhadores para colher frutas, ele é chamado de “vermelho” e perseguido pelo policial que o acompanhava: “O empreiteiro voltou-se para os homens. ‘Vocês não vão querer ouvir esses malditos vermelhos. Desordeiros – eles vão colocar vocês em apuros. Agora, posso usar todos vocês no Condado de Tulare.’”¹⁴ (STEINBECK, 2011, p. 310). Assim, o isolamento serve de arma, de ameaça, contra os que não aceitam se submeter aos salários abusivos. E, como o próprio Floyd coloca, ao trabalhador que vê seus filhos passando fome não resta alternativa além da de aceitar a miséria que lhe é oferecida.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conflitos entre indivíduos migrantes e locais nas duas obras analisadas têm raízes no processo identitário das personagens. Tal processo é associado a noções de pertencimento regional, o que concederia determinados aspectos e/ou valores aos que dali saíram. Assim, indivíduos de diferentes origens decorrente de construções – e preconceitos – regionais entram em conflitos culturais e sociais. Como resultado, há suspeita e mesmo hostilidade entre personagens de ambos os polos, e isso é usado como ferramenta pelos donos do poder para manter os trabalhadores migrantes instáveis e desenraizados. Assim, pela posição fragilizada, *okies* e retirantes são submetidos a condições de vida precárias com maior facilidade.

Ainda que em *A bagaceira* haja uma ilusão de convivialidade, o que se percebe é que os discursos que permeiam senhores de engenho e trabalhadores reforçam fronteiras entre o que seria uma identidade do sertanejo e do morador do brejo. Percebemos isso na insistência de Valentim de afirmar-se *em oposição* ao que é, em sua percepção, uma decadência moral disseminada entre brejeiros; na idealização do sertanejo por parte de Lúcio; e no afastamento dos funcionários de Dagoberto em relação aos retirantes. Esses elementos também podem ser encontrados em *The grapes of wrath*. A rejeição entre locais e migrantes, em ambas as obras, concretização a partir do imaginário identitário: o Outro deixa de ser visto como indivíduo para ser percebido como integrante de um grupo “vilanizado” – a responsabilidade dos

¹³ “You got no name, no property. They’ll find you in a ditch, with the blood dried on your mouth an’ your nose. Be one little line in the paper—know what it’ll say? ‘Vagrant foun’ dead.’ An’ that’s all. You’ll see a lot of them little lines, ‘Vagrant foun’ dead.’” (T.L.)

¹⁴ “The contractor turned back to the men. ‘You fellas don’t want ta listen to these goddamn reds. Troublemakers—they’ll get you in trouble. Now I can use all of you in Tulare County.’” (T.L.)

problemas que permeiam a população local, ainda que resultado direto das ações dos donos do poder (Dagoberto e a organização dos proprietários de terra), recai, afinal, sobre os retirantes e os *okies*.

Como resultado, teremos a isolamento desses grupos migrantes, fragilizando sua posição social de forma a deixá-los à mercê dos poderes estatais. Eis que Valentim é sujeitado à violência dos brejeiros sob comando de Dagoberto, cujo caso com Soledade acabou se beneficiando com a prisão do retirante. Assim como Tom Joad é perseguido por um poder que o vê como criminoso, enquanto ignora a violência policial cometida contra o amigo do rapaz. Em outras palavras: os dois cometeram um assassinato ao desfecho das obras, mas a rede de interesses por trás da culpabilização desses indivíduos está fortemente sustentada sobre suas posições marginalizadas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. 19 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1981.

CASTRO, Ângela Bezerra de. *Releitura de A Bagaceira: uma aprendizagem de desaprender*. 2 ed. João Pessoa: Secretaria de Estado da Educação e Cultura/Conselho Estadual de Cultura/Gráfica JB, 2010.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome – o dilema brasileiro: pão ou aço*. 10 ed. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

JOACHIMSTHALER, Jürgen. Formação de espaço cultural-regional através de políticas linguísticas e literárias. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto. *Regionalismus – Regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2013.

REIS, Ronald A. *The dust bowl*. New York: Chelsea House, 2008.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

STEINBECK, John. *The grapes of wrath*. Londres: Penguin Books, 2011.

WEIL, Simone. *O enraizamento*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 2001.

Title

Conflicts between migrants and locals: an analysis between ‘A bagaceira’ and ‘The grapes of wrath’.

Abstract

The present study aims to analyse the construction of regional identities of the protagonists on the novels *A bagaceira* (1928), by José Américo de Almeida, and *The Grapes of Wrath* (1939), by John Steinbeck. Both novels are set on a context of mass migration in periods of social or economic crisis and, due to the occurrence of these notoriously historical events, families were displaced from their communities. This migration movement is what we will work with as an uprooting movement. “Uprooting”, as we understand it, is the withdrawal of the individual from his or her place in the world – whether this “withdrawal” takes place voluntarily, by force, or even seasonally – taking him or her to the condition of a foreigner in a new space in which memories and society itself are not familiar, thus requiring them to rebuild their perception of community and identity. The individual displaced to the position of a migrant is placed in a weakened position against the one belonging to the local community due to their social isolation. Regional pre-concepts are largely responsible for generalized suspicion among these groups, leading to a struggle between people who occupy positions of similar classes, and ending a cycle of violence against uprooted characters. Therefore, it is necessary to work with theories which dialogue with the position of the immigrant, such as Said (2003) and Sayad (1998), among others.

Keywords

Regionalism; Migration; Comparative literature.

Recebido em: 23/01/2023.

Aceito em: 12/04/2023.